

Índice

Prólogo	13
1. Depósito de Lágrimas	31
2. Primeira Rutura	69
3. Capacidade de Carga	89
4. Pele Dilacerada	131
5. A Gaiola de Faraday	159
6. Consumação	201
7. Moro	239
Epílogo	263
Agradecimentos	281
Notas	283

Prólogo

Após o som, a luz e o calor,
a memória, a vontade e a inteligência.

— James Joyce, *Finnegans Wake*

Na arte da tecelagem, os fios da urdidura são estruturais e fortes, e estão ancorados na origem, criando uma estrutura para as fibras transversais à medida que o tecido é urdido. Projetando-se para o espaço livre sobre a orla em movimento, os fios da urdidura estabelecem uma ligação entre o passado já formado, o presente em farrapos e o futuro ainda informe.

A tapeçaria da história humana tem os seus próprios fios de urdidura, profundamente enraizados nos desfiladeiros da África Oriental (unindo as variáveis texturas da vida humana ao longo de milhões de anos), abrangendo pictogramas num cenário de fendas glaciares, angulosas florestações, pedra e aço, e reluzentes terras raras.

Os mecanismos interiores da mente dão forma a estes fios, criando uma estrutura dentro de nós, sobre a qual poderá nascer a história de cada indivíduo. A granulação e a cor pessoais surgem dos fios entrelaçados dos nossos momentos e experiências, da primorosa trama da vida, embutindo e obscurecendo a armação subjacente com intrincados, e por vezes belos, pormenores.

Aqui, são apresentadas histórias que relatam o desgaste deste tecido naqueles que estão doentes — nas mentes das pessoas para quem a urdidura se apresenta exposta, imperfeita e a descoberto.



A desconcertante intensidade das urgências psiquiátricas fornece um contexto para todas as histórias deste volume. Se um tal panorama serve para iluminar o tecido partilhado da mente humana, então os estados interiores perturbados devem ser representados nestas páginas da forma mais fiel possível. Assim, as descrições dos sintomas dos pacientes surgem aqui inalteradas e reais, de modo a refletir a natureza essencial, bem como a verdadeira tonalidade e alma, dessas experiências, embora muitos outros detalhes tenham sido alterados por questões de privacidade.

Do mesmo modo, as poderosas tecnologias da neurociência aqui descritas (que complementam a psiquiatria ao fornecer uma forma distinta de examinar o cérebro) são também inteiramente reais, apesar de as suas particularidades raiarem, por vezes, a ficção científica e se revelarem decididamente perturbadoras. Conforme é descrito nestas páginas, esses métodos são extraídos, na sua forma inalterada, de artigos sujeitos a revisão por pares oriundos de laboratórios de todo o mundo, incluindo os meus próprios artigos.

Mas mesmo a medicina e a ciência se revelam, por si mesmas, inadequadas para descrever a experiência humana interior, por isso algumas destas histórias são contadas não do ponto de vista de um médico ou de um cientista, mas da perspetiva de um paciente — por vezes na primeira ou terceira pessoas, por vezes através de estados alterados que, por sua vez, se refletem em alterações na linguagem. Nas ocasiões em que as profundezas interiores de outra pessoa — os seus pensamentos, sentimentos ou memórias — são descritas desta forma, o texto não reflete nem a ciência nem a medicina, mas apenas um excuro da minha própria imaginação, com o devido cuidado, respeito e humildade, de modo a criar uma conversa com vozes que nunca escutei, mas que apenas pressenti em ecos. O desafio de tentar perceber e experienciar realidades pouco convencionais a partir da perspetiva do paciente constitui o fulcro da psiquiatria, combatendo as distorções tanto do observador como do observado. Inevitavelmente, porém, as vozes mais íntimas e verdadeiras dos desaparecidos e dos silenciados, dos sofredores e dos perdidos, permanecem privadas.

Nestes casos, a imaginação é de valor incerto, e de modo algum garantido, contudo, a experiência mostrou já as muitas limitações da neurociência e da psiquiatria modernas quando consideradas isoladamente. Há muito que as ideias retiradas da literatura me parecem igualmente importantes para compreender os pacientes, facultando, por vezes, uma janela com vista para o cérebro mais informativa do que qualquer objetiva de microscópio. Continuo a valorizar tanto a literatura quanto a ciência ao pensar na mente humana, e sempre que possível regresso a um amor eterno pela escrita, embora durante anos este amor tenha sido apenas um carvão incandescente, isolado e coberto de ciência e medicina, como se estas fossem um acumular de neve e de cinzas.

De certo modo, a junção de três perspectivas independentes, as da psiquiatria, da imaginação e da tecnologia, pode formar o espaço conceptual necessário — talvez pelo facto de terem pouco em comum.

Transversal à primeira dimensão é a história de um psiquiatra, contada através de uma progressão de experiências clínicas, cada uma centrada num ou dois seres humanos. Tal como quando um tecido se desgasta, podendo revelar as fibras ocultas que compõem a sua estrutura (ou quando um fragmento de ADN sofre uma mutação, a partir da qual se pode inferir as funções originais do gene defeituoso), o que se apresenta fraturado descreve o que está intacto, e, assim, cada uma destas histórias realça a forma como certas experiências interiores e ocultas de seres humanos saudáveis, e talvez até dos próprios médicos, podem ser reveladas através das experiências ainda mais crípticas e obscuras de doentes psiquiátricos.

Cada história imagina também a emergente experiência interior das emoções humanas, tanto em momentos do mundo atual como ao longo dos milénios, acompanhando-a passo a passo ao longo da nossa viagem, obstáculos do passado que se impuseram no nosso caminho e que podem não ter sido ultrapassados sem alguma espécie de compromisso. Esta segunda progressão começa com algumas histórias relativas a circuitos simples e ancestrais resultantes do mero facto de estarmos vivos — as células necessárias para respirarmos, para nos movimentarmos com os nossos músculos ou para criarmos a barreira fundamental entre o eu e o outro. A primeira e primordial fronteira que existe entre cada um de nós e o mundo — chamada ectoderme,

uma camada frágil e isolada, da espessura de uma única célula — dá origem à pele, bem como ao cérebro, e por isso é através dessa mesma ancestral fronteira que o contacto entre seres humanos é sentido nas suas mais variadas formas — tanto a nível físico como psicológico — em todo o espectro, desde os estados sociais saudáveis aos mais desequilibrados.

As histórias vão desde os sentimentos universais da perda e da dor nas relações humanas a fraturas profundas na experiência elementar da realidade externa que surgem com a mania e a psicose, estendendo-se, por fim, às disrupções que invadem até o eu interior: a perda da capacidade de sentir prazer nas nossas vidas, tal como pode acontecer na depressão, a perda da motivação para nos alimentarmos, como sucede nas perturbações alimentares, e mesmo a perda do próprio eu, com a demência na fase final da vida. Ao longo desta segunda dimensão, a das emoções do mundo interior subjetivo, começamos e terminamos com a imaginação, seja em histórias da pré-história (os sentimentos não deixam fósseis; não podemos saber o que foi sentido no passado, por isso não tentaremos ser psicólogos evolucionistas), seja em histórias do presente (uma vez que, mesmo hoje, não podemos observar diretamente a experiência interior de outro ser humano).

Porém, se os efeitos mensuráveis dos sentimentos se revelam consistentes entre a massa dos indivíduos — tanto quanto nos é dado a observar através de tecnologias cuidadosamente aplicadas —, existe ainda margem de desenvolvimento para o conhecimento experimental dos mecanismos internos do cérebro. Numa terceira dimensão, cada história revela este conhecimento científico em rápida expansão, com pistas provenientes tanto dos estados saudáveis como dos estados de perturbação, sustentado por experiências e guiado por dados. Na secção das Notas, que surge no final do livro, são incluídas breves referências de forma a fornecer o contexto científico para cada história; alguns leitores mais curiosos poderão desejar demorar-se algum tempo nessas páginas, seguindo vários caminhos de interesse pessoal. Em cada uma dessas hiperligações são referenciadas muitas e importantes contribuições adicionais (de modo que as hiperligações servem, sobretudo, como pontos de partida para uma exploração posterior mais aprofundada), mas só as citações disponíveis em formato aberto apa-

recem listadas neste volume, para assegurar a acessibilidade a todos. Assim, esta última dimensão constitui um eixo científico ao qual recorro para guiar o público sem formação científica, pessoas que merecem compreender, e conservar para si mesmas, todas as ideias e todos os conceitos aqui apresentados.

Assim, este texto não é só sobre as experiências de um psiquiatra, nem se resume apenas a imaginar o emergir das emoções humanas ou aos últimos desenvolvimentos da neurotecnologia. Cada uma dessas três perspectivas atua apenas como uma lente, focada de maneira diferente no mistério central que constituem as emoções no interior da mente, cada uma fornecendo um ponto de vista distinto da mesma cena. Não é propriamente simples fundir essas perspectivas díspares numa só imagem (mas também não é mais fácil ser-se humano ou tornar-se humanidade), e no final o volume pode adquirir uma espécie de resolução granulosa.

Nestas páginas, é expresso um profundo respeito e uma enorme gratidão aos meus pacientes, cujos desafios nos proporcionaram esta perspectiva, bem como a todos aqueles cujo sofrimento interior, manifesto ou ocultado, tem sido parte inextricável da longa, sombria, desesperada, incerta e ocasionalmente encantadora tapeçaria da nossa viagem partilhada.



Uma palavra a respeito de mim mesmo, e do meu próprio caminho, poderá revelar-se útil no sentido de se conhecer melhor as distorções do narrador; à semelhança de todos, também eu sou mais subjetivo do que objetivo, constituindo apenas um fragmento imperfeito da ótica humana. Na minha juventude, não houve nenhuma pista que pudesse indicar que o caminho em particular que então percorria viesse a conduzir à psiquiatria, ou que a viagem acabasse também por se prolongar pelos domínios ainda menos congruentes da engenharia.

A minha infância teve lugar num contexto de constantes deslocções, desde pequenas a grandes cidades, de leste a oeste do país, passando pelo meio do continente norte-americano, e vice-versa, sempre na pegada da minha irrequieta família (a minha mãe e o meu pai, mais duas irmãs, que, tal como eu, pareciam valorizar a

leitura acima de qualquer outra atividade) enquanto íamos mudando de casa após um intervalo de poucos anos. Recordo-me de ler para o meu pai durante horas seguidas, dia após dia, enquanto atravessávamos a região campestre entre Maryland e a Califórnia; os meus tempos livres eram sobretudo ocupados com histórias e poemas, mesmo quando ia e voltava da escola de bicicleta, com o livro que andava a ler na altura perigosamente equilibrado sobre o guiador. Embora também lesse livros de história e de biologia, os usos imaginativos da linguagem pareciam-me mais entusiasmantes, até que colidi com uma espécie diferente de ideia que tinha estado até então à espreita no meu caminho.

O primeiro curso em que me inscrevi na universidade foi de Escrita Criativa, mas nesse ano, de forma inesperada, fiquei a saber, ao conversar com os meus colegas, e depois nas aulas, que um determinado estilo de abordagem às ciências da vida — que passava pelo desenvolvimento do conhecimento a partir de células únicas, mesmo com vista à investigação dos mais complexos sistemas de larga escala — estava a ajudar a resolver alguns dos mais profundos mistérios na área da biologia. Há muito que essas questões pareciam ser quase intratáveis: como é que um corpo se poderia desenvolver a partir de uma célula única, ou como é que as intrincadas memórias da imunidade poderiam ser formadas, preservadas e despertadas num reduzido número de células únicas dispersas pelos vasos sanguíneos, ou como é que as causas díspares do cancro (que vão desde os genes às toxinas e aos vírus) poderiam ser unificadas num único conceito baseado em células, isto de uma forma que se revelasse útil e relevante.

Todos estes campos foram revolucionados com a introdução de um conhecimento elementar de pequena escala em sistemas complexos de grande escala. Parecia-me então que o segredo da biologia estava a chegar ao nível das células e dos seus princípios moleculares, preservando, ao mesmo tempo, a perspetiva sobre a totalidade do sistema, a totalidade do corpo. O sentimento interior suscitado em mim pela possibilidade de se alargar esta simples ideia celular aos mistérios da mente — da consciência, das emoções, do despertar do sentimento através da linguagem — foi o de puro prazer misturado com alguma tensão, semelhante à “repentina antecipação misturada com certeza”, de Toni Morrison, esse estado humano universal de inquieta